

POESIA NA ESCOLA: PRESENÇA/AUSÊNCIA*

Tânia Rocha PARMIGIANI

RESUMO *Estuda-se a presença/ausência do gênero poético na escola tomando-se como corpora livros didáticos do período de 1950 a 1990 e falas de professores sobre a leitura de poesias na escola. O estudo revela que na memória de professores e em livros didáticos, o gênero poético tinha forte presença no passado, e a análise mais específica revela que as poesias restringiam-se tematicamente ao ufanismo e às lições de mora. Nas décadas de 60 e 70, há um quase desaparecimento do gênero nos livros didáticos, retornando a obras editadas nas décadas de 80 e 90. Os dados mostram que o gênero tem sido, na prática, sonogado aos alunos, havendo atualmente uma tendência a sua focalização em livros didáticos e nas falas de professores.*

SUMMARY *In this dissertation the presence/absence of the poetic genre in the school is studied talking as its corpora school textbooks in the period between 1950 and 1990, retired teachers' speech and active teachers talking on te reading of poetry in the classroom. On tese field notes te main object of investigation was if the genre was focussed. The study reveals that in teachers memories and in the textbooks analyzed the poetic genre was strongly present in the past. A closer analysis further pointed to the fact the poems were tematically restricted to patriotic sentiment and moral preaching. In the 60's and 70's the genre almost desapareared grom school textbooks staging a comeback in the 80's and 90's. The data also show that the poetic genre has, in actual practice, been denied to the students with a promise today of returning to the schools manuals and to teacher's language concerns.*

Cenas das escolas há alguns anos... meninas e meninos declamam no palco, as crianças recebem os aplausos, mães assistem emocionadas às palavras proferidas pelos filhos e, atentas, repetem: “Deus... Eu me lembro, eu me lembro. Era o tempo em que todos declamavam, todos repetiam os versos de Casimiro de Abreu. Os versos, às vezes, eram propagados e difundidos no meio do povo e batiam como um eco no coração de muitos.. Chegaram outros versos: e novamente a poesia parecia ultrapassar as barreiras

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 04 de setembro de 1996, sob a orientação da Prof. Dr. João Wanderley Geraldi.

das páginas dos livros e ultrapassar as aulas de Literatura, todos declamavam o soneto do amor total... “De tudo ao meu amor serei atento...”. Mais tarde, alguém chegou e recitou um poema de Bilac: “Ora direis, ouvir estrelas? Certo perdestes o senso!” E, em uma outra oportunidade, dentro de uma Livraria, ouvi de uma aluna o seguinte: “Estive tantos anos na escola e não tive oportunidade de declamar um poema que gostasse”. Confesso que foi a partir desse momento que senti a necessidade de estudar a relação poesia/escola..Observei, também, que os livros usavam as poesias para ensinar gramática e/ou ainda para forçar os alunos a decorarem algumas palavras novas (vocabulário)..Todos esses fatos fizeram-me percorrer a trajetória da poesia, ontem e hoje, para analisar:1) O tratamento que a escola dá ao texto poético, já que a poesia, enquanto gênero, apresenta um trabalho específico com a linguagem.2) Os livros didáticos de 1950 a 1990, enquanto material empírico que mostra a presença/ausência do texto poético e o tratamento a ele dado ou proposto pelo autor (este representando, na verdade, a ortodoxia escolar da clareza, precisão, concisão do texto e de sua leitura única);3) A fala dos professores observando a presença/ausência do poético .

Imagine agora a escola cheia de vida, onde meninos e meninas fizessem da poesia lições de vida e da vida na escola: uma poesia. Onde pudéssemos pensar uma prática pedagógica aberta para o ato criador – aberto para a arte de sentir... repleta da “**Arte de ser feliz**” de Cecília Meireles

I. Poesia e escola: Desencontros e desencantos

Discursos fabricados, prontos. Culto pela objetividade, pela clareza, pela concisão. Assim é a nossa escola. Marcada pelas relações sociais de desigualdade e ideologicamente comprometida com a elite, ela repete um discurso que homogeneiza e aposta na unificação dos sujeitos envolvidos nas relações pedagógicas, acreditando no discurso nonológico. e na interpretação univalente.

Nesse contexto, o texto tido como ideal pela escola, modelo de concisão, de precisão, de clareza e de objetividade parece não ser um texto para ser lido por alguém, para ser completado por alguém. O texto ideal basta a si mesmo, por isso - como acreditam - é passível de uma só leitura , de uma só interpretação.

A perspectiva que iluminará este trabalho vai em sentido contrário, por não considerar a língua um sistema fechado, acabado, determinado, mas um produto histórico e por isso mesmo flexível, constituído ao longo dos processos interativos, considero que cada texto completa-se na sua relação com o leitor. Nessa perspectiva o texto deve nascer a partir da interação pretendida pelo locutor com seu possível leitor, interação em que compartilham o vivido/o experimentado.

A poesia estará, nesse sentido, para a multiplicidade significativa. Seus espaços vazios, os brancos a serem preenchidos exigem do leitor o ato cooperativo, permitindo que desse diálogo autor/texto/leitor surja um encontro com uma história nova, nascida dessa interação triádica. A grande relação da poesia com a realidade de sua época atesta o quão os textos pósticos estão engajados em seu tempo e em sua história, Benjamin(1985) explica a estreita relação entre as transformações técnicas da sociedade

e as modificações da percepção estética, mostrando as múltiplas consequências do capitalismo na vida do homem contemporâneo . Para esse autor, o capitalismo introduz progressiva perda da experiência, ao mesmo tempo que propicia a intensificação das situações de choque em diferentes domínios.

No poema de Drummond, percebe-se essa relação homem/sociedade :

O boi

ó solidão do boi no campo

ó solidão do homem na rua!

**Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.**

.....
Ó solidão do boi no campo!

**O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.**

Se uma tempestade de amor caísse

As mãos unidas, a vida salva...

Mas o tempo é firme. O boi é só.

No campo imenso a torre de petróleo.

Drummond (1942)

Pelas muitas possibilidades de interpretação, a linguagem poética apresenta o desarticular dessas conexões convencionais. Rebelando-se contra uma sintaxe e fazendo esquemas sintáticos significarem mais do que o nexos inter e intra frástico, a poesia cria seu próprio universo – constituindo uma sintaxe que oferece uma forma para operar com outro significado diferente daquele que a convenção determinou.

Mas a escola trabalha o texto poético como um mero texto informativo, cerceada a interação, o interlocutor torna-se incapaz de perceber a incompletude do texto, não ultrapassando a leitura mecânica, a memorização. E a poesia torna-se um exercício de cópia, de repetição, ou de estudos gramaticais quando deveria suscitar novos textos . O livro didático quase sempre é o instrumento que viabiliza esse exercício de cerceamento do poético.

2. A POESIA – O LIVRO DIDÁTICO: PONTOS EM DESENCONTRO

2.1.A poesia no livro didático: de década... a década: a presença/ausência

Em análise aos livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados pelas nossas escolas não é difícil perceber que eles sempre estiveram ao lado do Estado e, via de consequência, das elites dominantes, conforme estudos já feitos por Eco & Bonazzi (1971) e Nosela(1982). No desenvolver dessa análise, percebeu-se que a presença/ausência da poesia na Escola está condicionada aos interesses do Estado.

O percentual de poesia na escola oscilou em função das mudanças promovidas pelo Estado na política educacional, conforme pode-se ver no quadro abaixo:

DEMONSTRATIVO DO PERCENTUAL DE POESIA POR DÉCADA

DÉ-CA-DAS	LIVROS	AUTORES	ANO EDIÇÕES/SÉRIES	POESIA	OUTROS TEXTOS	TOTAL DE TEXTOS	% DE POE-SIA
1950	Língua Portuguesa	Aníbal Bruno	1995/28ª Ed.. 3ª a 4ª Série Gin.	20	30	50	40%
	Língua Pátria	Adalberto Prado Silva	1959/6ª Ed. 2ª Série Gin.	18	22	40	45%
	Antologia	Napolcão Mendes	1955/4ª Ed. 3ª e 4ª Série Gin.	15	45	60	25%
	Remissiva Portuguesa	Almeida	1959/1ª Ed.. Gin.	20	40	60	33%
	Português no Ginásio	João Batista da Luz Raul Morcira Lellis	1959/50ª Ed. 1ª e 2ª Série Gin.	15	25	40	37%
1960	Português através de texto	Magda Becker Soares	1969/10ª Ed. 1ª Série Gin.	16	32	48	33%
	Ensino Renovado de Português	Miguel Salles	1969/10ª Ed. 1ª Série Gin.	12	30	42	31%
	Português	Domingos P. Cegalla	1969/15ª Ed. 3ª Série Gin.	12	30	42	28%
	Português	Horácio Rolim e Jorge Magalhães	1966/15ª Ed. 3ª Série Gin.	07	20	27	35%
	Português	Judith B. Paiva e Souza	1967/3ª Ed. 2º Livro	20	40	60	33%
1970	Port Fundamental	Jorge Teodoro D'olim	1970/3ª Ed. 1ª Série Gin.	03	18	21	14%
	Port Leit. E Gram	Marote	1978/3ª Ed. 1ª Série Gin.	08	22	33	21%
	Nossa Língua	Alpheu Tersário	1973/1ª Ed. 7ª Série	06	21	27	22%
	Ens Ren Líng Naci	Geraldo Mattos e Eurico Back	1974/1ª Ed. 7ª Série	06	28	34	21%
	Ativ de Com e Exp	Miguel Salles	1975/1ª Ed. 8ª Série	05	18	23	21%
		Hermínio Sargentim					
1980	Português Através de Texto	Magda Soares	1982/1ª Ed. 5ª Série	03	14	17	17%
	Atividades de Comunicação e Expressão	Hermínio Sargentim	1987/1ª Ed. 7ª Série	04	25	29	16%
	Criatividade em Comunicação	Rosângela Borges e Carlos Maciel	1980/1ª ed. 7ª Série	05	25	30	19%
	Pai Comunicação e Expressão	Roberto Melo Mesquita	1983/1ª Ed. 8ª Série	08	22	30	26%
	Texto e Contexto	Lídio Tesoto	1986/1ª Ed. 7ª Série	06	14	20	30%
1990	Descoberta e Construção	Tadeu Rosato	1991/1ª Ed. 7ª Série	08	24	32	25%
	Vamos Escrever?	Cândida Zuiari	1993/1ª Ed. 7ª Série	04	26	30	14%
	Linguagem Nova	Faraco e Moura	1994/1ª Ed. 7ª Série	04	30	34	11%
	Português através de texto	Magda Soares	1991/5ª Série	09	11	19	40%
	Língua Portuguesa	Douglas Tufano	1991/2ª Ed. 7ª Série	06	18	24	25%

A oscilação nas décadas e, principalmente, a diminuição dos textos poéticos das décadas de 1970 e 1980 parece coincidir com os decretos e leis que modificaram sensivelmente o currículo de 1º e 2º graus. O poético entraria em conflito com uma linha tecnicista – preocupada em produzir “capital humano”. A reformulação dos livros didáticos neste período fez desaparecer o poético, dando prioridade a textos jornalísticos ou narrativos.

O estudo das temáticas mostrará a influência destas reformas de ensino: a) a produção de uma poesia didática (décadas de 50/60); b) a indefinição de temas e quase desaparecimento da poesia (década de 70); c) a poesia com temas sociais – uma tentativa de recuperação do espaço perdido.(décadas de 80/90)

2.2. Poesias: temas mais frequentes nos livros didáticos de 1950 a 1990

1º Período: Bilac e outros... O nacionalismo

Nesse período a poesia estava a serviço dos ideais nacionalista e ufanistas do Estado. A sua utilização era frequente principalmente na década de 50 quando esses textos chegavam a uma relação de até 40% dos textos presentes nos livros didáticos. Como a temática era relativamente fechada, com temas praticamente determinados pela ideologia da brasilidade, as questões interpretativas eram mais ou menos abertas, já que eram feitas perguntas com possibilidades de elaboração de respostas pelo sujeito leitor

2º Período: Indefinição temática... – E a poesia sai da escola...

Esse período apresenta características diferentes. Era ditadura militar, houve, por questões políticas, uma mudança radical nos conteúdos disciplinares (Lei 5692/71).

Momento em que o percentual de poesia nos livros didáticos era mais baixo chegando às vezes até a 15%, mas por outro lado houve, nesse período grande produção artística engajada, chamada, por alguns, de poesia marginal..Como era censurada, essa poesia aparecia em jornais clandestinos, mas não chegava à escola.por causa da censura. No poema abaixo percebe-se esse descompromisso com problemas sociais da década de 70.

“MOÇA TOMANDO CAFÉ”

Cassiano Ricardo

Num salão de Paris
a linda moça de olhar gris,
toma café
Moça feliz.

.....
A riqueza é uma noiva, que fazer?
Que promete e que falta sem querer...
Chega a vestir-se assim, enfeitada de flor,
Quedê o lavrador?
Está plantando café.
Quedê o café?
Moça bebeu.
Mas a moça, onde está?
Está em Paris.
Moça feliz.
(apud Ferreira, 1975)

Embora os livros didáticos desse período já tenham abandonado, em parte, o excesso de religiosidade, civilismo e patriotismo, eles trazem temáticas ingênuas e tão

insipientes que pouco condizem com os inúmeros problemas e conflitos trazidos pela industrialização rápida, ou pelos ditadura militar.

3º Período: Rumo à poesia crítica

Nas décadas de 80/90 pode-se observar uma nova fase da poesia visto que nesse período aparecem autores contemporâneos entre eles Drummond, Gullar, Bandeira, além de autores de poemas-canções como Chico Buarque, Milton Nascimento, Vinícius de Moraes, Gilberto Gil entre outros. Normalmente esses poemas tratam diretamente do problemas atuais como: a relação com o trabalho, má distribuição de renda, pobreza, fome, questões fundiárias.

É importante acrescentar ainda que contrapondo a uma visão não crítica da realidade presente nas décadas passadas, alguns autores das décadas de 80/90 reformularam as temáticas descomprometidas com a realidade social (das décadas de 50/60/70) – e parodiando – criaram poemas de outros poemas – trazendo assim uma visão crítica e engajada para dentro dos versos. É o que se pode perceber no texto abaixo que foi escrito a partir do texto – “Moça tomando café” de Cassiano Ricardo – citado na década de 70.

“O AÇÚCAR”

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
.....
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(apud Tesoto, 1986)

É importante acrescentar que embora os livros didáticos tenham tentado atualizar os textos a partir da década de 80 , essa mesma atualização parece não ter acontecido no tratamento que o livro didático dá ao texto poético, já que durante a pesquisa ficou patente a imposição de uma interpretação dirigida – a busca de “uma só leitura” resultando uma significação monovalente. Esse tratamento contraria uma concepção do poético como lugar de interação – como espaço da união de experiências e histórias dos sujeitos leitores, que abre o texto para a possibilidade de muitas leituras. Torna-se importante ainda verificar a fala do professor como mediador das atividades com o texto poético.

III A FALA DO PROFESSOR: UM DISCURSO SEM POESIA?

Em uma aula de Comunicação e Expressão em uma 5ª série do 1º grau, em que se utilizava o texto poético para leitura e interpretação de texto presenciou-se o seguinte:

A professora entra na sala. Alunos enfileirados em carteiras uma após a outra. Olhares. Falas. Sorrisos. Gestos de interação entre os alunos da turma. Eis que uma voz ecoa forte!

Professora: - Atenção! Escrevam: aula de Comunicação e Expressão. Assunto: poesia. Olha! Não quero ouvir um piu. Silêncio é bom e eu gosto! Por favor, não falem. Hoje faremos leitura de um texto poético belíssimo. Vocês vão adorar!

Alunos: ...sorrisos... olhares...

Professora: Prestem bem atenção, veja como eu gosto que leiam o poema! Vocês deverão ler igualzinho a mim. Quem ler melhor, ganhará uns pontinhos...Logo em seguida começa a leitura do texto de Cecília Meireles:

“Sonhos de menina”

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

Sonho.
risonho.
O vento sozinho
no seu carinho.

.....

A vizinha
apanha
a sombrinha
de teia de aranha...

Na lua há um ninho
de passarinho

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?

(Meireles, 1968: 32-33).

Começa, então, a tentativa de interação pelos alunos e as réplicas do professor:

Aluna: - Professora, é uma flor de verdade?

Professora: Vamos ler em silêncio, sem perguntas! Se vocês conversarem não vão entender o texto direito. Olha, no final **eu vou dizer a interpretação correta do texto.**

Professora: Agora faremos o estudo das palavras difíceis: Quem sabe o que é linho?

Aluna: - Professor, é o linho de verdade, ou é o linho do sonho?

Professora: - Linho, simplesmente. Vamos olhar no dicionário.

Aluna: - Mas professor... e o outro... aquele que a menina dormiu e sonhou...?

Professora: - No final, a gente vai ver o que o autor quis dizer...

(Diário de Campo. Aula observada em Porto Velho, 15 de junho de 1995).

Percebe-se que a professora ignora a necessidade de interação entre os leitores e persegue o texto dirigido, comandado, impondo ao leitor uma pseudo-leitura, uma atividade amarrada. Por se tratar de um texto poético esperava-se, pela própria natureza da linguagem diferente da linguagem comum, que houvesse, por parte da professora, um tratamento especial, dadas as múltiplas significações possíveis (já que há todo um trabalho com a linguagem) e dadas as inúmeras possibilidades de construção de sentidos concedidas pelo texto poético ao leitor: abrindo um leque de significações. Mas contrariamente, na escola e na fala do professor se promove a restrição de sentido, uma leitura com uma interpretação já determinada, impedindo a interação do leitor com o texto.

Percebendo o chamamento do texto para a viagem dos sonhos, a aluna continua insistentemente a tentar estabelecer um sentido, entrar no sonho, desvendar seus mistérios, sonhar também. Pergunta então o professor à classe: “o que é linho?” e, imediatamente, a leitora pergunta: “- professor, é o linho de verdade ou é o linho do sonho?” O professor mais uma vez se recusa à tão evidente fantasia (ingressar para o país do sonho) e solicita que a aluna consulte no dicionário o significado da palavra linho (nesse caso equivocadamente destaca, o professor, a palavra de seu contexto, retirando-lhe a vida, tornando-a estéril – esvaziada de sentido).

Conclui-se, pelas análises feitas, que nas décadas de 50/60 apareciam textos poéticos, mas esses textos eram e estavam comprometidos com a ideologia dominante... nada mais faziam do que controlar ações e impor formas de conduta (através de impregnações do civismo: amor ao trabalho, amor à pátria). Nessas décadas apesar das imposições temáticas da escola, sempre penetrava pelas portas da vida e da experiência versos de sonho... de amor... que a vivência e as experiências traziam aos indivíduos. Na década de 70, atendendo ao modelo novo, mesmo a poesia cívica (aquela ideologicamente comprometida) sumiu da escola (do livro didático). . Nas décadas de 80 e 90, os livros didáticos lentamente mudaram a temática com a globalização da economia – o entrelaçamento dos mundos – e conseqüentemente dos sujeitos – dialeticamente aparecem duas tendências: por um lado, promove-se uma união global sem barreiras desses homens juntando-os todos, aproximando-os em um só abraço; por outro lado, ao mesmo tempo, esse processo parece aproximar os homens de valores históricos e regionais, de certa forma, individualizados, contrapondo, assim, a uma concepção massificadora e global.

Pergunto: como encontrar a poesia em um processo/engrenagem que exclui o homem, seu sentimento, suas emoções da linguagem e das atividades pedagógicas? É impossível! Somente a reformulação do ensino e o encontro de uma prática pedagógica que expressasse uma concepção recuperadora do homem e de suas histórias poderia suscitar a poesia da vida... a poesia que há nos sonhos dos homens”...

BIBLIOGRAFIA DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS

Década de 50

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Antologia remissiva - 1ª e 4ª séries ginásial*. São Paulo: Saraiva, 1955. 4ª ed.

_____. *Antologia remissiva - 3ª e 4ª séries ginásial*. São Paulo: Saraiva, 1955. 4ª ed.

BRUNO, Anibal. *Língua Portuguesa: Antologia - 1ª e 2ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. 28ª ed.

_____. *Língua Portuguesa: Antologia - 3ª e 4ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. 28ª ed.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. *Questões de Linguagem - Séries Ginásiais*. São Paulo: Fundação de Cultura S/A, 1954. 7ª ed.

GUIMARÃES, João. *Linguagem correta - Séries ginásiais*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1958.

LELLIS, Raul Moreira, *Português no ginásio - 3ª e 4ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. 60ª ed.

Década de 60

CARRETER, Fernando Lázaro e Lara Cecília. *Manual de explicação de textos*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, s. d.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Português - 3ª e 4ª séries do 1º grau*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

_____. *Português - 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 10ª ed.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. *Questões de linguagem*. São Paulo: Fundo de Cultura S/A, 1962. 10ª ed.

LELLIS, Raul Moreira. *Português no ginásio: Gramática e Antologia - 1ª e 2ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. 100ª ed.

SALLES, Miguel. *Ensino renovado do português - 1ª e 2ª séries ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Década de 70

BACK, Eurico e MATTOS Geraldo. *Nossa língua - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: FTD, 1973.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Hora de comunicação - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. Rio de Janeiro: Nacional, 1979.

FERREIRA, Reinaldo Mathias. *Comunicação: atividades de linguagem - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *Estudo dirigido de português - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Ática, 1975.

FREIRE, Norma Et alli. 1970. *Meu universo: Comunicação e Expressão*. São Paulo: Livraria Editora Ltda., 1976.

GIACONOZZI, Gilio e BOCHAT, Gildete V. *Língua Portuguesa - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: FTD, 1975.

MATHIAS, Reinaldo. *Estudo Dirigido de Português*. São Paulo: Ática, 1975.

PRETI, Dino. *Português: oral e escrito - 5ª, 6ª e 7ª séries*. São Paulo: Nacional, 1979.

SARGENTIM, Hermínio G. *Atividades de Comunicação em Língua Portuguesa - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: IBEP, 1975.

Década de 80

BIANCHI, Orlando e CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Nos domínios da linguagem - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: FTD S/A, 1981.

FERREIRA, Reinaldo de Mathias. *Estudo dirigido de Português - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo. Ática, 1983.

GUEDES, Ana Maria de Carvalho et alli. *Palavra e ação: recepção e produção de textos - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Brasil, 1983.

LIMA, Rosângela Borges e CUNHA, Carlos Maciel. *Criatividade em comunicação - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. Belo Horizonte: Vígíia, 1980.

SARGENTIM, Hermínio G. Sargentim. *Atividades de Comunicação - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: IBEP, 1985.

SIQUEIRA e BERTOLIN. *Português dinâmico - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: IBEP, 1980.

SOARES, Magda. *Novo português através de textos - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Abril S/A, 1982.

TESOTO, Lídio. *Texto e contexto: produção de textos - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Brasil, 1986.

Década de 90

BISONGNIN, Rossato Tadeu. *Descoberta & construção - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: FTD, 1991.

CADORE, Luís A. Agostinho. *Português de todo dia - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Ática, 1992.

FIORIM, J. L.; e SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo. Ática, 1990.

FARACO e MOURA. *Linguagem nova - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Ática, 1994.

LUFT & Maria Helena. *A palavra é sua - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Scipione, 1996.

MENEZES, Cândida Luiani et alli. *Vamos escrever? - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: FTD, 1993.

NICOLA José de V. *Palavras & idéias - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Scipione, 1995.

SOARES, Magda. *Português através de textos - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Moderna, 1990.

TUFANO. *Língua Portuguesa - 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries*. São Paulo: Moderna, 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (1970). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- _____. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981, 2ª ed.
- BARBOSA, R.C. (1980). **Literatura comentada: Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BENJAMIN, W. (1985) **Magia, Técnica, Arte e Política**. São Paulo. Ática
- BONAZZI, M e ECO, U. (1972). **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1984.
- BRECHT, Bertold.(1980) **Poemas e canções**. Trad. de Jair Campos. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1966.
- BRITO, B. (1992) **Ancoragens textuais de navegos**. Dissertação de mestrado. Unicamp/IEL, 1992.
- CÂNDIDO, A. (1992) “Mundo desfeito e refeito”, In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos - nº 22** (no prelo). São Paulo/Campinas - IEL - Unicamp, 1992.
- CHAUÍ, M. (1988) **O Que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ECO, U. (1983). **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FOUCAULT,(1969) M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1969.
- _____. (1971) **L' Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FRANCHI, C. (1977) “Linguagem - atividade constitutiva”. In: **Almanaque: Caderno de Literatura e Ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- FREIRE, P. (1970). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADET e HAK.(1990) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- GERALDI, J.W. (1984). **O Texto na sala de aula**. Cascavél: Assoeste, 1985.
- _____. (1991) **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, .
- _____. (1994) **Políticas de inclusão em estruturas de exclusão**. IEL/Unicamp, CNPQ, 1994.
- ISER, W. “A Literatura e o leitor”. In: **Textos de estética da recepção**. (seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Coleção Literatura.
- JOBIM e SOUZA. S. **Infância e Linguagem**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. (1982) **Usos e abusos da Literatura na escola**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- LEAL, L.F.V.(1991) **A Escrita aprisionada**. Dissertação de Mestrado da FAE/UFMG, 1991.
- MAIGUENEAU, D. (1987) **Novas tendências em Análise do Discurso**. (tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1987.
- NOGUEIRA, A.L.H. “Eu leio, ele lê, nós lemos: processos de negociação na construção da leitura”. In: Smolka, A.L.B. (org). **A Linguagem e o outro no espaço escolar**. Campinas: Papyrus, 1984.

- NOSELA, M.J. (1982) **As Belas mentiras**. São Paulo: Cortez e Moraes.
- PÊCHEUX, M. (1969). **Por uma análise automática do discurso**. In: F. Gadet e T. Hak (orgs.) Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- PENIN, S.T.S. (1994) **Aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- POSSENTI, S. (1989). **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SAUSSURE, F. (1911). **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- SIMON, I.M. (1984) **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Ática, 1987.
- SOARES, M.B.(1984) **Linguagem e Escola**. São Paulo: Ática, 1984.
- SOUZA, S.J.(1984) **Infância e Linguagem** (Bakhtin, Vigostsky, e Benjamin) Campinas: Papyrus, 1994.
- VIGOSTSKY, L.S.A. (1984) **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, L. C. (1984). **Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.